



a voz da
REVOLUÇÃO

A VOZ DA REVOLUÇÃO

Julho de 1970

Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO)

Departamento de Informação e Propaganda

Sumário

EDITORIAL	1
COMUNICADO DO COMITÉ CENTRAL ...	3
COMUNICADO DE GUERRA	14
JORNALISTA ALEMÃO(RDA) VISITA MOÇAMBIQUE	18
CINEASTAS HOLANDESES EM MOÇAMBIQUE LIVRE	21
A LUTA EM ANGOLA E GUINÉ-BISSAU ..	24
CONFERENCIA DE ROMA	28
O PAPA APOIA A NOSSA LUTA	31
MAIS UM ACTO TERRORISTA DO COLONIALISMO PORTUGUES	32

EDITORIAL

Uma reunião do Comité Central é sempre um acontecimento importante na vida da nossa Organização. Porque o Comité Central é o órgão máximo no período entre dois Congressos, cabendo-lhe formular as linhas de orientação da FRELIMO, dentro dos princípios definidos pelo Congresso. Além desta importância estrutural e hierárquica, o Comité Central é importante também pela sua composição: porque dele fazem parte camaradas engajados na acção directa e representantes do povo: os Secretários Provinciais, Comissários Políticos, responsáveis militares (por exemplo, o camarada responsável pelas operações de sabotagem na Província de Tete é membro do Comité Central) e membros eleitos pelo povo. Foi este Comité Central, com esta composição e natureza (que lhe foi atribuída pelo Segundo Congresso de Julho de 1968) que se reuniu de novo em Maio deste ano de 1970.

O aspecto mais saliente desta reunião foi a Unidade revelada nas discussões e na tomada de posições. Em editoriais anteriores nos referimos à existência de contradições no nosso seio, derivados da

luta de duas linhas ideológicas. Dissemos qual era a linha revolucionária, definida pelos I e II Congressos. Explicamos como os ambiciosos, oportunistas e exploradores existentes no nosso seio veem frustradas as suas manobras pela acção dos militantes revolucionários prontos a darem a sua vida para a defesa das nossas conquistas ideológicas. Mostramos como os reaccionários vão sendo gradualmente rejeitados pela própria revolução.

O espírito em que decorreu esta última reunião do Comité Central revelou-nos que atingimos já uma fase avançada nesse processo de purificação das nossas fileiras. Reinou franqueza, amizade e fraternidade revolucionária. E esse clima - nós sentimo-lo - foi resultado da alta unidade ideológica que existiu entre nós. Pela primeira vez na História da FRELIMO não houve vozes discordantes no Comité Central que se opusessem as posições revolucionárias: o Comité Central formava um bloco sólido e unido.

Esta foi uma grande vitória, que temos de defender a todo o custo. O próprio Comité Central recomendou a necessidade

de contínua vigilância; e para que essa vigilância possa ser exercida eficazmente, o C.C. clarificou certas concepções. Assim, por exemplo, o CC procedeu a redefinição do inimigo. Não só do inimigo principal e directo, o colonialismo português e o imperialismo, que são inimigos abertos, com os quais nos confrontamos diariamente no campo de batalha, e em relação aos quais nenhuma dúvida ou confusão é possível. Mas também do inimigo indirecto e secundário, que se apresenta com a capa de nacionalista e mesmo revolucionário, sendo difícil portanto identificá-lo. O CC reafirmou que a qualidade de inimigo para nós não deriva nunca da cor ou nacionalidade ou raça ou religião de uma pessoa. Por outro lado, é nosso inimigo todo aquele que explora ou cria condições para a exploração do nosso povo, seja qual for a sua cor, raça, nacionalidade ou religião.

Dentro da mesma ideia de fornecer armas aos nossos militantes para melhor poderem defender a nossa Revolução, o CC definiu as qualidades que cada militante deve construir ou desenvolver em si, combatendo constantemente a ambição, o oportunismo, o tribalismo, a corrupção. A existência destas qualidades em alto grau será condição para os militantes da FRELIMO poderem ser nomeados para posições de responsabilidade na nossa organização.

O CC reunido em Maio discutiu e resolveu vários problemas. Numa fórmula geral podemos dizer que foram problemas

do desenvolvimento da luta, nos seus múltiplos aspectos - luta político-militar, económica, social, cultural.

Um desses problemas foi o problema da centralização da direcção. A criação do Conselho de Presidência em Abril de 1969 correspondeu a um período difícil, subsequente à morte do Presidente camarada Eduardo Mondlane. Uma vez estabelecida a situação, aquela solução deixou de ser válida. Tornava-se necessário restabelecer uma direcção forte, assumida por um Presidente e um Vice-Presidente. O CC procedeu a essa eleição, fazendo incidir a escolha sobre os dois camaradas que desde a morte do camarada Mondlane tinham de facto assumido a direcção da FRELIMO, e tinham lutado para assegurar a integridade estrutural e ideológica da organização: os camaradas SAMORA MOISES MACHEL, que foi eleito Presidente; MARCELINO DOS SANTOS, que foi eleito Vice-Presidente.

Assim, um novo período abre-se na vida da FRELIMO. Demos um passo importante na consolidação da nossa unidade, elegemos uma direcção verdadeiramente revolucionária, clarificamos a nossa linha política, estamos mais perto da nossa vitória final.

A LUTA CONTINUA.

INDEPENDÊNCIA OU MORTE,
VENCEREMOS.

COMUNICADO DO COMITÉ CENTRAL

O Comité Central da FRELIMO reuniu-se de 9 a 14 de Maio de 1970, para analisar a situação e estudar os problemas decorrentes da nossa luta de Libertação Nacional.

O Comité Executivo apresentou o seu relatório ao Comité Central, cobrindo todos os sectores de actividade da FRELIMO, nos campos político-militar e da reconstrução nacional.

A nossa situação caracteriza-se pelo fortalecimento da consciência das massas populares e pela consolidação das nossas estruturas; pela expansão das nossas acções militares para zonas antes não cobertas pela Luta Armada, e consolidação das zonas sob controle da FRELIMO, e por um grande impulso nos programas de reconstrução nacional, dentro da perspectiva de solucionar os problemas sociais e económicos que se levantam hoje no nosso país.

No plano político o aspecto mais relevante foi o crescimento do nível da consciência do povo.

Há hoje uma compreensão mais profunda da natureza da nossa luta e dos nossos objectivos.

São as populações que cada vez mais activamente realizam o transporte de material de guerra, medicamentos e material escolar; alimentam as nossas bases, os nossos hospitais, as nossas escolas; assistem os nossos guerrilheiros nas tarefas do avanço e nos combates a que são chamadas a participar; são elas que activamente se dedicam à produção tanto na agricultura, como na pesca, artesanato e criação de animais.

A tendência separatista entre as populações que tinha sido fomentada pelo inimigo, desaparece gradualmente - principalmente as divisões tribais e religiosas. Moçambicanos de todas as tribos, regiões, e religiões lutam hoje lado a lado, unidos no objectivo comum - que é hoje compreendido não já apenas como a simples conquista da independência nacional, mas também o estabelecimento de um sistema que torne impossível a exploração do homem pelo homem, no nosso país. A FRELIMO tornou-se o porta-voz incontestado das massas populares tendo deixado de existir qualquer intermediário nas zonas onde o nosso povo dependia ainda da autoridade feudal dos régulos. Os régulos integram-se nas estru-

turas da FRELIMO e respeitam-nas.

As populações também falam. O aspecto mais marcante do desenvolvimento e que mesmo as mulheres - tradicionalmente limitadas ao trabalho doméstico e produção de filhos, - falam e expressam-se



livremente e com autoridade. Uma estrutura nova foi estabelecida, na base da qual estão os Comités, através da qual se canalizam as vozes do povo.

No campo militar a situação caracteriza-se por uma intensificação das nossas acções, com vista a estender a luta armada a novas regiões e ao mesmo tempo consolidar as zonas da retaguarda, as zonas libertadas. E assim, nas zonas em guerra o inimigo está mais e mais isolado nos seus postos, em resultado das acções de sabotagem dos guerrilheiros que cortaram as vias de comunicação terrestres do inimigo. Mesmo postos muito próximos um do outro não podem contactar entre si senão pela rádio e aviões. Estes postos são constantemente atacados, tendo muitos deles sido abandonados pelo inimigo. Ataques nossos de

grande envergadura contra alguns postos, permitiram-nos assaltá-los e capturar grande quantidade de material de guerra. Centenas de carros militares foram destruídos e milhares de soldados inimigos liquidados em emboscadas e acções com minas. Os nossos guerrilheiros avançam para novas zonas.

Um aspecto extremamente importante a salientar é que as vitórias militares que alcançamos foram devidas aos sucessos do nosso trabalho político, e que estreitaram as relações harmoniosas entre o povo e os guerrilheiros, e, na estrutura militar, entre os Comandantes e as unidades. Lutamos com problemas vários, como a escassez de comissários políti-



cos - mas esta lacuna é suprida pelos próprios comandantes dos Destacamentos, que agem como trabalhadores políticos na sua zona.

As infracções dos nossos soldados em relação às populações são severamente punidas. Mas o importante é que as populações sabem distinguir os erros dos indivíduos, dos princípios da Organização.

Mas a vitória mais importante que conseguimos não se pode medir em números - quantos soldados matamos, quantos quilómetros quadrados controlamos; ela avalia-se pelo novo sistema de vida sob que vivem as populações. A exploração não existe nas zonas libertadas; as causas dos vícios que caracterizam a sociedade colonial - roubo, bebedeira, prostituição (em suma, corrupção), crimes, vão sendo gradualmente removidos. Uma sociedade nova, pura e sã, nasce em Moçambique. O povo quer e está a construir essa sociedade.

O Comité Central analisou as várias actividades que integram esta Reconstrução Nacional, material e ideológica, e formulou linhas de orientação.

O Comité Central constatou um grande progresso na produção, designadamente na produção agrícola. O nosso povo está a cumprir integralmente as recomendações do II Congresso da FRELIMO, que declara: "É necessário produzirmos progressivamente os bens materiais de que necessitamos para o crescimento da nossa luta armada. Devemos promover o de-



envolvimento da agricultura, artesanato, indústria, dirigindo sempre as nossas actividades no sentido de satisfazerem os interesses da nossa revolução popular". A extensão dos campos cultivados cresceu, e alcançou mesmo as zonas de avanço, onde as acções militares, e especialmente os bombardeamentos, são mais frequentes. O nosso povo produz o suficiente para si próprio, para ajudar a alimentar os guerrilheiros, e para criar um excedente que vai trocar nos centros de troca da FRELIMO, por artigos da primeira necessidade que não pode produzir ainda em Moçambique, especialmente vestuário. Esta actividade da produção é realizada conjuntamente pelas populações e pelos guerrilheiros, num espírito de perfeita colaboração. Por outro lado a produção tornou-se mais científica e diversificada; já não se realizam apenas as culturas tradicionais, mas introduzem-se novos produtos e novos métodos de cultivar.

O artesanato desenvolve-se também. É aqui que a capacidade criadora e inventiva do nosso povo se manifesta mais acentuadamente: por exemplo, com metal



dos carros destruídos e das bombas não explodidas o povo constrói instrumentos agrícolas, utensílios domésticos, armas, etc. O sentido artístico do nosso povo está sendo encorajado: cooperativas de escultores estão sendo organizadas, para produção das mundialmente famosas esculturas macondes.

A educação conhece um grande impulso.

Em Tete funcionam já 6 escolas, e outras estão em vias de ser abertas. O problema principal para a abertura de novas escolas é o da falta de professores mas este problema está em vias de solução, pela afectação ao programa de educação de camaradas nossos com o mínimo de qualificação para ensinarem.

Em Niassa temos a salientar principalmente a abertura de uma escola internato com cerca de 100 alunos da 1ª e 2ª classes, e onde paralelamente se processam programas de elevação do nível cultural e político dos professores.

Em Cabo-Delgado foram criadas mais 4 escolas-internatos. Foram estabelecidos cursos especiais de educação de adultos para militantes da FRELIMO. Foram organizados seminários pedagógicos para

os professores, onde estes aprendem as matérias que devem ensinar, métodos de ensino, organização da Educação, etc.

A nossa Escola Secundária está em vias de ser reaberta, na Tanzânia, em Bagamoyo. Em Tunduru, no Sul da Tanzânia, funciona uma escola primária piloto da FRELIMO, com várias centenas de alunos.

A intensificação dos programas de educação corresponde à necessidade de formar quadros capazes de executarem as diversas tarefas que constantemente se ampliam com o desenvolvimento da luta.

Assim é que uma particular atenção está a ser dada ao ensino de cursos técnicos especiais, na nossa Escola Secundária, e a adaptação dos programas de ensino às realidades concretas da luta.

As mulheres são encorajadas a participar nos programas educacionais. Em todas as Províncias em luta, há cursos de educação de adultos. Também estudam-se meios de manter os estudantes da FRELIMO no estrangeiro constantemente informados sobre a evolução da luta e integrados dentro da orientação da Revolução.

As actividades de assistência médica às populações e guerrilheiros acompanham



o desenvolvimento da luta. Novos centros clínicos foram estabelecidos, nas novas zonas cobertas pela guerra. Contudo, imensas dificuldades são encontradas neste campo, pela escassez de medicamentos e pessoal técnico qualificado.

Debruçando-se sobre a situação da FRELIMO no Exterior, o Comité Central verificou que a solidariedade internacio-



nacional para com a nossa luta está a desenvolver-se em larga escala. Essa solidariedade esteve afectada num certo momento devido a confusão provocada pela deserção de alguns elementos reaccionários da direcção da FRELIMO, como Lázaro Nkavandame e Uriá Simango. Contudo, o prosseguimento do nosso trabalho, e o desenvolvimento da luta, mais do que qualquer acção de propaganda da parte da FRELIMO, encarregaram-se de clarificar a situação e restabelecer a confiança e apoio exteriores. O Comité Central constatou com satisfação que a ajuda prestada à FRELIMO pelos países Africanos, individualmente ou através da OUA, e pelos países Socialistas, está hoje assente em bases firmes.

O Comité Central apreciou também particularmente a acção das forças progressistas desenvolvida em alguns países Ocidentais, designadamente a Suécia, Inglaterra e Itália, contra a participação dos seus Governos na construção da barragem de Cahora-Bassa, na província de Tete, e que, pela sua importância política, económica e militar, constitui hoje um símbolo da internacionalização da agressão imperialista contra os povos da África Austral.

O significado e importância da Conferência Internacional de Solidariedade para com os povos das colónias portuguesas, a realizar-se em Junho próximo em Roma, foi analisado pelo Comité Central, que manifestou a esperança de que essa Conferência resulte realmente num maior apoio material e moral à nossa luta. As actividades do Instituto Moçambicano



foram objecto de particular atenção por parte do Comité Central. O Comité Central elogiou a Direcção do Instituto Moçambicano pela importante acção realizada no angariamento de fundos e assistência técnica para os nossos trabalhos de Saúde, Educação, Assuntos Sociais, Informação e Ajuda para Desenvolvimento.

to. O Comité Central constatou que os resultados deste trabalho tem contribuído em grande escala para a melhoria das condições de vida do nosso povo, e encorajou o Instituto Moçambicano a prosseguir a sua acção.

II

O Comité Central constatou que, paralelamente a este desenvolvimento da nossa luta de libertação, a luta de duas linhas no nosso seio, tão antiga como a própria FRELIMO, continuava. O Comité Central estudou profundamente este problema das contradições internas, que está intimamente ligado à evolução da luta de libertação.

O Comité Central, retomando a orientação da sua reunião anterior, de Abril de 1969, analisou a origem das contradições na FRELIMO, que remontam ao tempo da sua criação. Nessa altura a contradição baseava-se fundamentalmente na diferença de concepções sobre os métodos de alcançar a independência: alguns moçambicanos, baseados no exemplo de varios países Africanos, idealizavam a independência nos bancos da ONU, em conversações, negociações, que teriam como resultado último a entrega da independência a FRELIMO por parte do Governo português numa cerimonia solene, na capital de Moçambique, com festejos e celebrações. Quando se tornou claro que esse método falhara, e a tendencia que preconizava a luta armada começou a esboçar-se, esses moçambicanos, que não estavam psicologicamente preparados para uma luta ar-

mada, (e que eram a maior parte dos membros fundadores da FRELIMO) desertaram da Organização.

Os preparativos para a Luta Armada foram realizados e em Setembro de 1964 a luta Armada de Libertação começou. Novas contradições surgiram, baseadas agora em diferentes concepções estratégicas: um grupo dentro da FRELIMO defendia que devíamos organizar-mo-nos para uma guerra de conquista, juntar todas as nossas forças num local, expulsar os portugueses desse lugar, e continuar a avançar, engrossando esse exército com novas populações arrebanhadas durante o avanço, até ao sul de Moçambique. O exército colonial seria vencido dessa forma. Essa concepção está relacionada com a ideia de uma guerra rápida. E foi nesse sentido que esses elementos mobilizavam as populações: Logo que ouviram os primeiros tiros, muitas populações foram às lojas comprar panos para fazerem roupas novas para celebrarem a independência. Os camaradas consciéntes lutaram contra essa concepção, e defenderam a necessidade de nos organizarmos para uma guerra de guerrilhas, que seria necessariamente longa e difícil mas de qualquer forma era o unico meio capaz de nos conduzir a vitória. Os moçambicanos que não compreenderam ou não se conformaram com esta estratégia, com a perspectiva das dificuldades inerentes à guerra de guerrilhas, foram sendo sistematicamente rejeitados pela luta.

Em certa altura (fins de 1965) começamos a organizar a vida das populações nas zonas liberdades. Contradições de um outro tipo surgiram agora, baseadas nas diferentes concepções sobre os objectivos da nossa luta, e sobre os sistemas económicos, políticos e sociais a estabelecer no nosso país. Alguns moçambicanos concebiam a independência como uma simples mudança de pessoas na estrutura colonial: expulsos os portugueses, moçambicanos tomariam o seu lugar, mantendo-se intacta a máquina político-administrativa colonial. A exploração, opressão e todos os outros aspectos negativos do sistema colonial, portanto, manter-se-iam - simplesmente, realizadas agora por moçambicanos. Esta tendência era nessa altura personalizada por Lázaro Nkavandame, aliado a outros elementos dentro da Organização que contudo não se atreviam a revelar-se abertamente. Varias concepções ligadas a esta embora com caracter lateral ou subsidiário, manifestaram-se com o decorrer do tempo: por exemplo, o elitismo, representado por Mateus Gwengere, que defendia a criação dum grupo de intelectuais, que deveriam ser preservados de participar na luta e cercados de privilégios especiais - e que, alcançada a independência, seriam colocados como Dirigentes de Moçambique. Esta tendência reaccionária tinha também a sua concepção própria sobre a estratégia a seguir na nossa luta: segundo eles, devíamos trazer todas as nossas forças que combatiam nas diferentes províncias, concentra-las numa das pro-

vincias (êles propunham Cabo-Delgado alegando ser esta a província onde a luta estava mais desenvolvida, mas sendo a razão real porque era essa a província cujas actividades económicas Lázaro administrava), e expulsar dessa província todos os portugueses. As nossas forças avançariam depois para outra Província, e assim sucessivamente. Analisando as intenções reais desse grupo ao defenderem esta estratégia - absolutamente errada dadas as condições da nossa luta - vemos que eles não se conformavam com a perspectiva de uma guerra longa, mas queriam colher imediatamente os frutos da revolução, através de uma exploração plena sem dificuldades ou perturbações derivadas da guerra.

A linha revolucionária combateu fortemente esta orientação, definindo claramente os objectivos da nossa revolução - a conquista da independência nacional, a destruição do sistema colonial e o estabelecimento de um regime baseado nos interesses do povo, construído pelo povo e para o povo. O método principal de combate usado pelos camaradas revolucionários foi a acção de mobilização e explicação junto do povo. As massas populares aprenderam a conhecer com clareza qual o seu inimigo - definido como a exploração do homem pelo homem, seja quem for que em certo momento assumia essa exploração, e sejam quais forem as formas e métodos dessa exploração.

As forças reaccionárias organizaram uma campanha no exterior tendente a desacre-

ditar a FRELIMO: o seu objectivo era provocar a queda da Direcção revolucionária, representada pelo Presidente camarada Eduardo Mondlane, e colocar no poder elementos seus. Exemplo disso foi o ataque por eles organizado ao escritório da FRELIMO, em Maio de 1968, em que um membro do Comité Central, camarada Mateus Muthemba, foi assassinado.

Em Julho de 1968, realizou-se o II Congresso da FRELIMO. Os reacçãoários depositavam grandes esperanças neste Congresso, e manobriram no sentido de o Presidente Mondlane ser derrotado nas eleições. Mas o trabalho de consciencialização do povo por parte dos nossos camaradas revolucionários não tinha sido em vão: o povo reelegeu por unanimidade o camarada Eduardo Mondlane para a Presidência da FRELIMO.

Frustrado nos seus desígnios, o grupo reacçãoário retomou os métodos criminosos assassinando em Dezembro de 1968 o camarada Paulo Samuel Kankhomba, chefe adjunto da secção das Operações do Departamento de Defesa.

Em Fevereiro de 1969, o Presidente da FRELIMO, camarada Eduardo Mondlane, foi assassinado. As esperanças dos ambiciosos, corruptos e oportunistas renasceu. A eleição para Presidente Interino de Uria Simango pelo Comité Executivo satisfê-los plenamente: essa eleição representava a realização das suas expectativas. Em Abril de 1969 reuniu-se o Comité Central da FRELIMO. O Comité Central

recusou-se a confirmar Uria Simango no cargo de Presidente e criou um órgão colegial, constituído pelos camaradas Samora Machel, Marcelino dos Santos e Uria Simango para assumir as funções da Presidência.

A partir dessa reunião histórica do Comité Central, Uria Simango, aquele que sempre fora afinal o principal representante e organizador do grupo reacçãoário, mas mantendo-se sempre camuflado, nos bastidores, começa a mostrar abertamente a sua verdadeira natureza, o seu carácter e intenções reais.

O Comité Central de Abril de 1969 tinha-o desmascarado completamente: Uria Simango, em face das provas abundantes produzidas diante dele e que o relacionavam com Lázaro Nkavandame, Mateus Gwengere e todos os grupos que provocaram períodos de crise na vida da FRELIMO desde a sua fundação, admitiu nessa altura a sua ligação ideológica e material com aqueles elementos. A motivação do Simango era a ambição política, a sede de poder. Ele era um homem pequeno - fisicamente, intelectualmente e moralmente, cujo sonho foi sempre ascender à altura daquele que era o seu Presidente, o camarada Mondlane.

Não sendo capaz de lhe fazer frente, entrou em coligação com todas as forças que por qualquer razão, estivessem descontentes com a Direcção do camarada Dr. Eduardo Chivambo Mondlane. O objectivo do Simango, o seu sonho de sempre, foi sempre ser Presidente da FRE-

LIMO. Ele ligou-se com Lázaro, por exemplo, porque viu nele uma força capaz de ajudar na realização dos seus interesses. Simango era ambicioso político, queria o poder para impôr a sua ideologia reacçãoária. Lázaro era um ambicioso económico, queria que o deixassem explorar a vontade. Assim os dois conluiaram-se, prometendo-se ajuda recíproca.

Tendo sido derrotado no Comité Central no que se respeita nos seus planos para Presidente, nem por isso Simango desistiu. Simplesmente, como estava já desmascarado, não cuidou mais de se camuflar: começou a agir abertamente, tentando projectar a sua figura como Dirigente máximo da FRELIMO, contrariamente às decisões do Comité Central. Esta sua acção foi realizada no exterior, usando para isso as várias missões que a organização lhe confiava: quanto ao interior, Simango foi sempre um desconhecido para as massas populares. Mesmo no exterior, a sua campanha não resultava: os verdadeiros militantes da FRELIMO encarregaram-se sempre de o neutralizar, interpretando exactamente e correctamente as decisões do Comité Central. Assim, isolado, frustrado nas suas ambições, Uria Simango tentou em Novembro de 1969 um gesto desesperado: publicou um panfleto, no exterior, em que pede a demissão dos outros dirigentes da FRELIMO, como condição da sua permanência na organização. Ele ficaria então como dirigente único. O Comité Executivo da FRELIMO reuniu-se para conside-

rar o seu "pedido", e decidiu suspender Uria Simango de membro do Conselho da Presidência, até a próxima reunião do Comité Central, onde o seu caso receberia uma solução definitiva.

O Comité Central reunido de 9 a 14 de Maio de 1970, tendo analisado o comportamento político e moral de Uria Simango caracterizado pelo oportunismo, corrupção, e irresponsabilidade, concluiu que ele não reúne qualidades nem sequer para ser membro da FRELIMO. E decidiu expulsá-lo da nossa organização.

A análise das contradições e da maneira como elas tem sido resolvidas ao longo da vida da FRELIMO, resultando sempre na vitória das forças populares e revolucionárias, permitiu ao Comité Central concluir que a orientação da FRELIMO está basicamente correcta e tem sido correctamente aplicada.

Foi essa orientação, cujos princípios fundamentais foram formulados pelos I e II Congresso da FRELIMO, e a presença de Quadros com alta consciência política, que permitiram à FRELIMO sair vitoriosa e cada vez mais forte das múltiplas crises que a assolaram, provocadas pela acção do inimigo interno e externo.

E é ainda esta orientação a garantia de que a revolução continuará sempre, para além das pessoas que num certo momento a dirigem: porque a unidade na FRELIMO realiza-se não em torno de indivíduos mas em torno do objectivo comum - Independência Nacional e fim da exploração do homem pelo homem.

III

1. O Comité Central aprovou várias resoluções, formulando directivas para as actividades políticas e militares, e para o trabalho de reconstrução nacional.

2. Foi aprovada uma resolução especial sobre sanções. O Comité Central tomou medidas disciplinares contra Uria Timóteo Simango, Lourenço Mutaca e Judas Honwana, que tinham sido respectivamente membro do Conselho da Presidência, e representantes da FRELIMO na Suécia e na República Árabe Unida.

a) - No que respeita a Uria Simango, o CC constatou que ele tinha sido já suspenso de membro do Conselho da Presidência pelo Comité Executivo, depois de ter publicado um panfleto contra a FRELIMO em Novembro de 1969. O Comité Executivo baseou a sua decisão fundamentalmente no facto de a atitude de Uria Simango, de apresentar os seus problemas através da imprensa estrangeira em vez de o fazer através das estruturas da FRELIMO, ser um acto de extrema irresponsabilidade que viola os princípios e as regras da FRELIMO, ser um acto de grave indisciplina; de o conteúdo do panfleto constituir um conjunto de acusações caluniosas, de insultos e falsidades que visam denegrir os dirigentes da FRELIMO que são verdadeiros nacionalistas, patriotas e revolucionários; e ainda no facto de o panfleto constituir um insulto ao povo Moçambicano, a FRELIMO e à luta armada revolu-

cionária de libertação nacional que está a ser travada no nosso país. O Comité Central ratificou a decisão do Comité Executivo, e destituiu Uria Simango do Conselho da Presidência. Além disso, o Comité Central notou que nesse mesmo panfleto, assim como em outros que ele escreveu mais tarde, Simango admite claramente a sua ligação com grupos contra-revolucionários como os de Lázaro Nkavandame e Mateus Gwenjere, confirmando assim aquilo que há muito tempo já nós suspeitávamos: que ele fora sempre o chefe dos grupos contra-revolucionários que provocaram os períodos de crise na vida da FRELIMO desde a sua formação, tendo sido motivado pela ambição e pelo oportunismo. O Comité Central decidiu portanto destituí-lo de membro do Comité Central e expulsá-lo da FRELIMO. O Comité Central decidiu mais que Simango deve ser submetido à justiça popular em Moçambique.

b) - Quanto a Lourenço Mutaca e Judas Honwana, eles lançaram campanhas destrutivas no exterior, com o objectivo de desintegrar a nossa Organização e destruir o seu prestígio internacional. Eles traíram assim a confiança que o povo Moçambicano depositara neles, ao nomeá-los seus representantes.

O Comité Central qualificou a atitude deles como sendo alta traição, e expulsou-os da FRELIMO. O Comité Central decidiu ainda que ambos eles, Lourenço Mutaca e Judas Honwana, devem ser trazidos para Moçambique, para serem julgados pelo povo.

IV

O Comité Central aprovou uma resolução especial sobre as estruturas da nossa Organização. Em Abril de 1969, o Comité Central atribuiu as funções da Presidência a um órgão colegial, o Conselho da Presidência. Aquela decisão correspondeu a um período difícil na nossa Organização, ou mais concretamente, respondeu à necessidade de assegurar a continuidade da linha política da FRELIMO no período de confusão que se seguiu à morte do Presidente Mon-

dlane. O Comité Central verificou que as razões que tinham imposto aquela solução já deixaram de existir, e que é agora possível e útil centralizar mais fortemente a direcção.

Assim, o Comité Central elegu o camarada SAMORA MOISES MACHEL para o cargo de Presidente da FRELIMO, e o camarada MARCELINO DOS SANTOS para Vice-Presidente. Ambos exercerão as suas funções interinamente até ao próximo Congresso.

22 de Maio de 1970



Comunicado de Guerra

O nosso povo caracteriza a situação militar e define a nossa estratégia através de um velho ditado africano que diz: "Para matar a cobra dentro do buraco, não se mete a mão dentro; deita-se água a ferver e a cobra será forçada a sair, então mata-se o bicho". Os colonialistas portugueses estão isolados nos seus postos, nos seus "buracos". Nós criamos as condições que os obrigam a sair, cortando as comunicações e por consequência as linhas de abastecimento, atacando constantemente, e assim finalmente eles são forçados a sair, tornando-se mais vulneráveis. Então são atacados e destruídos. Desta maneira, durante os últimos meses nas três frentes de luta armada, nós matamos mais de 600 soldados portugueses, destruimos 105 veículos militares, atacamos 11 postos e "aldeias estratégicas", destruimos 1 comboio e duas pontes, capturamos material militar.

Embora estas características das nossas



vitórias sejam importantes, elas não podem exprimir as dimensões reais da luta, elas deixam despercebidos aspectos muito importantes do nosso trabalho: na realidade estas vitórias militares foram tornadas possíveis pelos grandes sucessos que obtivemos no campo do trabalho político. Durante os últimos meses o nível da consciência política do nosso povo desenvolveu-se extraordinariamente, como resultado do trabalho intenso de mobilização e educação feito pelos comissários políticos. Até agora a contribuição principal das populações para a luta, estava confinada à defesa da região respectiva, ao transporte de material, ao fornecimento de alimentação às bases militares e à observação e informação dos movimentos do inimigo. Hoje as populações também participam activamente nas actividades ofensivas; os milicianos lutam lado a lado com os guerrilheiros nos ataques. Todos os problemas referentes ao desenvolvimento da luta são discutidos conjuntamente pelos guerrilheiros.

ros e massas. Por outro lado os guerrilheiros também participam activamente em todas as tarefas de reconstrução nacional. Assim a distinção entre civis e militares torna-se cada vez menos aparente, a participação na luta é mais global, o inimigo continuamente vê-se mais isolado. Um outro resultado do nosso trabalho político, que ao mesmo tempo é um sinal do desenvolvimento da consciência política do nosso povo, é a fuga constante das populações das aldeias estratégicas para as zonas libertadas. As populações dão provas concretas que mostram que os métodos clássicos de repressão e exploração colonialista, continuam a ser largamente utilizados pelos portugueses: castigos corporais (como chicoteamento e palmatória), trabalho forçado (para produzir víveres para os soldados portugueses, para pagar impostos, etc), torturas, assassinatos, etc. Em Moçambique livre prosseguimos o trabalho para construir uma nova sociedade livre de todas as formas de opressão e de exploração.

RELATÓRIO MILITAR

TETE

Ataques

2 de Janeiro: posto de Phewa; 7 soldados inimigos mortos.

27 de Janeiro: posto de Chitiri; vários edifícios danificados, 5 soldados portugueses mortos.

3 de Fevereiro: data do primeiro aniversário do assassinato do camarada Presidente Eduardo Mondlane - os combatentes

da FRELIMO para honrarem a sua memória, lançaram um grande ataque contra o posto de Makuyo. Oito casas foram destruídas e 13 soldados colonialistas mortos.

8 de Março: posto de Mpata - 3 veículos destruídos, o posto seriamente danificado.

22 de Março: posto de Kanhende - diversas casas danificadas, vários soldados inimigos postos fora de acção.

Emboscadas

20 de Janeiro: um pelotão inimigo penetrou na zona de Chiduma, sob nosso controle. O pelotão caiu numa emboscada preparada pelos guerrilheiros da FRELIMO; 4 soldados foram mortos e os outros obrigados a recuar.

22 de Janeiro: No curso de uma emboscada preparada pelos nossos guerrilheiros, 7 soldados portugueses foram mortos na região de Bene.

24 de Janeiro: Uma unidade inimiga foi atacada na estrada Furuncungo-Cazula. 5 soldados colonialistas foram mortos.

20 de Março: Tropas inimigas que se movimentavam de Bene para Manje foram atacadas sofrendo seis mortos.

Sabotagens

Dezembro 1969: 3, 7, 9, 15, 16, 29 - onze veículos destruídos, 36 soldados mortos nas zonas entre Vila Gamito e Furuncungo, Cussarara e Vila Gamito.

Janeiro 1970: 1 (duas vezes), 3, 4 (duas vezes), 5 (duas vezes), 10, 11, 15,

20 (duas vezes), 24, 25, 29 - vinte e sete veículos destruídos, 122 soldados portugueses mortos em Chagulula, Chalembara, Chilisse, Cazula, Tete, Ichimba, Fingoe, Zumbo, Oliveira, Chicooa, Bene, Dique, Vila Gamito e Furancungo.

Fevereiro: 1, 2, 3 (duas acções), 6, 16, 18, 20 (duas acções), 22 - treze camiões destruídos, 66 soldados portugueses mortos em Dique, Bene, Manje, Chivuta, Fingoe, Colane, Chalambane, Sinyano e Vila Gamito.

Março: 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 12, 13, 16, 20 - catorze veículos destruídos, 74 soldados inimigos mortos nas zonas de Malewera, Piri-Piri, Fingoe, Muzi, Chumba, Vila Gamito, Furancungo, Cazula e Chiuta.

NIASSA

Ataques

27 de Fevereiro: posto da Unango - 17 soldados portugueses mortos, 2 casas destruídas.

3 de Abril: posto de Candulo - 4 casas e 3 camiões destruídos.

29 de Abril: posto de Candulo atacado de novo - duas casas severamente danificadas e vários soldados postos fora de acção.

Emboscadas

10 de Janeiro: um grupo inimigo sofreu uma emboscada em Mataka. Quatro soldados foram mortos e vários feridos.

11 de Fevereiro: Os nossos combatentes atacaram e destruíram um comboio na

via férrea entre Nova Guarda e Catur.

12 de Março: dez soldados portugueses foram mortos numa emboscada que sofreram na estrada entre Revia e Rofino.

Sabotagens

Janeiro: 18, 20, 21 - cinco veículos destruídos e 22 soldados portugueses mortos nas zonas de Maua, Luatize, Mtelela e Catur.

Fevereiro: 4, 14 - três camiões destruídos e 26 soldados mortos nas zonas de Catur e Nova Freixo-Mecanhelas.

Março: 9, 15, 19, 21, e 27 - vinte e nove soldados portugueses mortos, 5 camiões destruídos nas zonas de Luatize, Mtelela, Luis, Vila Cabral e Maniamba.

Nos dias 1 e 3, unidades de sabotagem da FRELIMO destruíram 2 pontes, uma em Lualezi (entre Vila Cabral e Maniamba) e outra em Lualachi (entre Maniamba e Metangula).

CABO-DELGADO

Ataques

25 de Janeiro: posto de Nyika - 7 soldados inimigos mortos e uma parte do posto destruída.

1 de Março: a aldeia estratégica de Nyankoma, perto do posto administrativo de Muaguide, é atacada e tomada de assalto - 14 soldados inimigos são mortos e numerosos elementos da população libertos. As nossas forças capturaram ainda duas G3, 10 Mauser, 2 caixas de munições cal.7.9, uma caixa de granadas, cobertores, uniformes, pra-

tos, dinheiro, etc...

22 de Março: posto de Diaca - 5 casas são destruídas.

EMBOSCADAS

2, 3 Fevereiro: duas unidades portuguesas no curso de uma emboscada na zona de Nangade, sofreram 10 mortos.

19 de Fevereiro: uma patrulha inimiga em Mueda sofre dois mortos numa emboscada.

22 de Abril: um pelotão inimigo do posto de Muaguide que ousou abandonar a sua base caiu numa emboscada. Três soldados portugueses foram mortos, os outros fugiram para o seu posto abandonando uma espingarda cal.7.92, número 2673.

28 de Abril: um grupo inimigo que saiu do posto de Diaca caiu numa emboscada. Três soldados inimigos foram mortos e as suas armas capturadas. As armas, Mauser, possuíam as seguintes marcas de identificação: E13626 Werke AG; 5604 Mod.98; 8180 Mod.98.

2 de Maio: no decurso de uma emboscada dois camiões de um comboio de seis foram destruídos na estrada entre Chai e Macomia. Oito soldados portugueses foram mortos.

9 de Maio: um comboio de três veículos deslocando-se de Sagal para Mueda, caiu numa emboscada, tendo o veículo da retaguarda sido severamente danificado e três soldados portugueses foram mortos.

Sabotagens

Janeiro: 21, 23 - nas estradas de Diaca para Mocimboa da Praia e Palma para Pundanhar, foram destruídos três camiões e mortos 17 soldados inimigos.

Fevereiro: 8, 15, 18, 19, 24 - em Mocimboa da Praia, Mueda, Sagal, Diaca, Litanda-Ntondo, Nangololo e Couveque, foram mortos 50 soldados portugueses e destruídos 9 veículos.

Março: 13, 18, 23, 25, 27 - nas zonas de Couveque e Mueda, nove veículos foram destruídos e 38 soldados mortos.

Abril: seis soldados portugueses foram mortos quando o camião em que seguiam caiu numa armadilha na estrada entre Diaca e Mocimboa da Praia. As minas tinham cavado um grande buraco na estrada, camuflaram-no depois de terem posto minas dentro. Quando um comboio vinha de Ntandola para Mocimboa, o camião da frente caiu na ratoeira e foi totalmente destruído pelas minas.

Maio: na estrada entre Mueda e Miteda foram destruídos dois veículos e mortos 11 soldados portugueses. Foram capturados munições, granadas, carregadores de G3, medicamentos, relógios, e outro material.

Em 18 de Maio os portugueses tentaram reabrir a estrada entre Mueda e Miteda. Caíram nas nossas minas, tendo um camião ficado completamente destruído. Morreram 7 soldados inimigos. O resto da companhia fez meia-volta para Mueda.

JORNALISTA ALEMÃO (RDA)

VISITA MOÇAMBIQUE

Acabo de regressar de uma visita à Província de Cabo-Delgado. Quero agradecer à FRELIMO por me ter dado esta oportunidade única de ver com os meus próprios olhos os tremendos sucessos da luta de libertação, a vida do povo nas áreas libertadas, e os problemas com que a FRELIMO ainda se defronta.

Andei por toda a parte, sem qualquer espécie de restrições, entrevistei guerrilheiros e elementos da população, e fiz muitas gravações. Saí de Moçambique cheio de impressões inesquecíveis e informações directas e frescas. Agora o meu trabalho será exprimir essas impressões e informações em programas radiofónicos e artigos que estejam à altura desta luta: e isto é uma tarefa mais difícil ainda do que a minha marcha exaustiva através das zonas libertadas e que foi a mais longa marcha que já fiz em toda a minha vida. Não sei se saberei encontrar as palavras que consigam exprimir o espírito de luta que encontrei em toda a parte.

Das muitas impressões que me deixaram absolutamente espantado, só poderei mencionar aqui algumas, e mesmo assim de uma maneira muito geral: eu sabia que a FRELIMO tem grandes áreas

libertadas e dirige o povo na construção de uma vida nova. Mas nunca esperei que a FRELIMO estivesse tão desenvolvida e tão bem organizada e efectiva até ao mais pequeno pormenor. Por exemplo, a produção agrícola com campos de milho, arroz e mandioca de dimensões que eu julgava impossível numa situação de guerra de guerrilhas. Os serviços de saúde bem organizados - embora infelizmente com falta de medicamentos. As escolas em lugares cobertos ou ao ar livre, com uma atmosfera de grande entusiasmo tanto da parte das crianças como dos adultos, todos ansiosos de aprenderem. O sistema de transportes - em que tudo é transportado às costas através de centenas de quilómetros - não só o material de guerra, mas também castanhas, amendoim e outros produtos para exportação e troca por roupa, sapatos, etc. de que o povo necessita.

Outra coisa que me impressionou muito foi a técnica, a força, a resistência e a disciplina militar dos combatentes. O que eu vi não foram grupos indisciplinados ou de aventureiros, mas sim algo como um exército regular com um comportamento e uma disciplina do que qualquer exército lutando nas mesmas condições se poderia orgulhar. E não só isso: cada soldado sabe para que é que está a lutar. Poucas vezes tive discussões políticas tão vivas e tão profundas como nas florestas Moçambicanas. Além das suas armas, a maior parte dos combatentes levava consigo os seus livros, estudando intensamente em momentos em

que eu não queria outra coisa senão descansar depois de uma marcha.

Eu estava interessado a ver como é que o povo reagiria a presença de um branco, que é certamente uma coisa não muito frequente nestes dias nas zonas libertadas. Mas mesmo sem explicação, nunca houve qualquer hostilidade em relação a mim. Antes pelo contrário, e logo que o povo que encontrávamos no caminho era explicado sobre quem eu era e o que estava ali a fazer, imediatamente toda a gente queria apertar-me a mão e saudar-me com o tradicional "mashala" (bem-vindo).

A área que visitei é região Maconde. Um território que - segundo as informações dos jornais dos países ocidentais

deveria estar "deserto", ou onde a FRELIMO devia ter "desaparecido", por causa "da fuga do chefe Maconde Nkavandame, com toda a sua tribo, para o lado dos portugueses". Não me foi necessário perguntar se isto era verdade ou não. A maior parte das pessoas tinham tatuagens que são tipicamente Macondes. Mas elas agiam como Moçambicanos, não como membros de uma certa tribo. Eu ouvi o nome de Nkavandame referido quase todos os dias, mas numa canção satírica, que o denunciava como traidor, em que se repetia constantemente "cautela com ele".

À segunda quadra desta canção é dedicada a Simango, o antigo Vice-Presidente Simango e igualmente denunciado como traidor, pelo próprio povo. Se há divi-



são dentro do movimento, como algumas pessoas pretendem sugerir, então é uma divisão entre muitos milhares de pessoas (o povo) e um indivíduo (Simango). Simango é um desconhecido para o povo Moçambicano: numa reunião popular numa das bases que visitei, de entre 3.000 participantes, só 3 pessoas conheciam a cara do Simango.

A mais profunda impressão, que ficou marcada em mim, foi a produzida pelo clima humano e político que encontrei em toda a parte - na FRELIMO e entre os guerrilheiros e a população (embora seja quase impossível estabelecer a diferença entre uns e outros). Devido à dificuldades de linguagem, não pude compreender tudo o que diziam. Mas mesmo sem compreender as palavras, eu pude sentir as relações entre os dirigentes e os soldados, entre os combatentes e as populações. É uma relação de compreensão mútua e de confiança, uma unidade política e moral altamente desenvolvida. Encontrei ampla evidência daquilo que o Comandante Samora Machel me disse quando o encontrei em Moçambique: "A nossa luta não é caracterizada por tiros, mas pelo trabalho político".

Uma consideração final: eu sou o primeiro alemão a visitar a parte liberta-

da de Moçambique. Quero salientar este facto por uma razão particular: ainda no segundo dia da minha viagem, eu observei um ataque aéreo dos portugueses, em que algumas mulheres e crianças foram feridas, e que eu encontrei mais tarde num hospital da FRELIMO. As bombas foram lançadas de aviões DORNIER DO 27, que são aviões militares da Alemanha Ocidental fornecidos à Portugal. Entre outras armas da OTAN encontrei e fotografei espingardas e metralhadoras da Alemanha Ocidental que a FRELIMO capturou das bases portuguesas.

Os dirigentes da FRELIMO conhecem bem a diferença entre a Alemanha Ocidental que é um dos maiores aliados de Portugal, e a República Democrática Alemã, que é um dos países que apoiam completamente a luta de libertação. Mas sendo eu alemão, senti vergonha por aquilo que o outro Estado alemão (ocidental) está a fazer. No meu regresso de Moçambique, uma das minhas tarefas mais urgentes será contribuir com os meus artigos, tanto quanto possível, para mobilisar a opinião pública mundial, de maneira a forçar o governo da Alemanha Ocidental a retirar o seu apoio aos inimigos do povo Moçambicano.

Peter Spacek, correspondente para a África Oriental da Radio da República Democrática Alemã.

16 de Março de 1970

CINEASTAS HOLANDÊSES

EM MOÇAMBIQUE LIVRE

Pediram-me para falar sobre a nossa experiência em Moçambique livre. Deverei dizer que ficámos impressionados pela maneira como a FRELIMO está organizada? Será necessário dizer que ficámos amigos dos guerrilheiros com os seus uniformes rasgados que nos acompanhavam? Sim, é preciso dizer tudo isto. É preciso dizer também que os portugueses não se atreveram a perseguir-nos, embora deveriam saber onde estávamos - numa ocasião estivemos a menos de duas milhas da base deles; dizer que durante os 18 dias que estivemos em Moçambique atravessamos à vontade o território que os portugueses dizem que controlam; que cada dia que passava fazia-nos sentirmo-nos mais fortes, e que a incapacidade do colonialismo português de fazer seja o que for torna-o ridículo. Os portugueses foram emboscados a poucas milhas do lugar onde uma vez nos encontrávamos, e alguns deles foram mortos. Uma noite eles dispararam tiros de canhão para a escuridão para mostrar que estavam lá, mas não se atreveram a sair do seu posto isolado. Uma vez também nós vimos destroços de um camião destruído por uma mina.

Durante 18 dias eu e os meus camaradas

cinasta HENK VENEMA e técnico de som WIM LOUWRIER, estivemos em Moçambique. Dezoito dias de marcha de um campo para o outro - através de capim da altura de um homem e de trilhos na floresta demasiado baixos para a nossa altura. Ouvimos dirigentes da FRELIMO discutirem problemas da guerra com os guerrilheiros. Assistimos a reuniões populares com milhões de pessoas. Fomos para a cama ao por do sol, e levantamo-nos de madrugada. Partilhamos refeições simples com os nossos companheiros de viagem e por vezes sentámo-nos juntos sem comida.

Se alguém nos perguntar sobre as nossas impressões nestes 18 dias, esses momentos que referimos são parte delas. Mas a elas eu chamarei experiências exterior: a nossa experiência interior é algo diferente.

Nós verificámos que o nosso papel de observadores objectivos, que normalmente os jornalistas dizem que são, transformara-se no de participação activa. Não porque estivemos expostos aos mesmos perigos que os nossos camaradas: a nossa viagem foi organizada de tal maneira que tínhamos o máximo de segurança. Não porque tivéssemos marchado com os nossos camaradas sob o mesmo calor escaldante ou subido as mesmas montanhas íngremes: porque eles carregavam o nosso equipamento pesado, nós não levávamos senão os nossos cantis com água. Nós sentimos que éramos parte da luta de Moçambique,

A LUTA EM ANGOLA

E GUINÉ BISSAU

Guiné-Bissau

A luta dos nossos camaradas da Guiné-Bissau dirigida pelo Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo-Verde (PAIGC) é caracterizada pelo desenvolvimento contínuo de ataques em grande escala contra os postos e bases militares portugueses, paralelamente a actividades de reconstrução nacional das zonas libertadas da Guiné-Bissau.

Os colonialistas intensificaram os seus bombardeamentos criminosos contra escolas, hospitais e aldeias das zonas libertadas. Recentemente em 2 de Fevereiro de 1970, bombardearam a escola de Iador, matando 8 crianças e ferindo 17; no dia 30 de Março bombardearam a escola de Tambico, matando 7 crianças e ferindo 8.

Po outro lado, sentindo-se derrotados no campo de batalha na Guiné-Bissau, os colonialistas seguindo o exemplo dos seus patrões americanos, procuram estender a agressão: assim atacaram aldeias perto da fronteira, tanto na Guiné-Konakry, como no Senegal.

Vitórias Populares

Estas acções desesperadas dos colonialistas portugueses são a prova do sucesso das forças populares dirigidas pelo PAIGC. Na realidade os nossos camaradas da Guiné-Bissau inflingem severas derrotas ao inimigo, causando-lhe pesadas baixas em homens e material. Por exemplo em Fevereiro último, na estrada de S.Vicente-Bula, 25 soldados portugueses foram mortos, 6 camiões destruídos e um posto militar arrasado. Ao



norte de Farim o inimigo tentou romper o cerco dos seus postos pelas forças do PAIGC. Não só fracassou como sofreu ainda derrotas constantes, nomeadamente nas regiões de Sambuia, Faquina, Sambo-Uleucunda, Suzana, Guidage, N'gore, Candjambari e Barro.

Um campo militar instalado há pouco em Ualicunda, perto da fronteira Norte, foi completamente destruído. O inimigo fugiu, deixando 9 mortos e uma grande quantidade de material de guerra.

Ações importantes tiveram ainda lugar contra as guarnições fortificadas de Mansoa e Farim. Em 22 de Fevereiro um comando das Forças Populares de Libertação penetrou em Ceba e destruiu vários edifícios em que se alojavam tropas colonialistas matando 7 inimigos. Em 27 de Fevereiro, na Frente Leste, no decurso de um ataque de morteiros contra o campo fortificado de Buruntuma, muitos soldados colonialistas foram mortos. Um navio foi afundado no rio Geba a alguns quilómetros de Bamba-dinca. Na Frente Sul o inimigo que se encontra imobilizado nas suas casernas, está a ser submetido a bombardeamentos constantes, particularmente em Guiledje, Ganture, Bedanda, Catio e Buba.

Durante a primeira quinzena de Março a base militar portuguesa de Guiledje foi atacada 18 vezes; em 7 de Março um helicóptero francês, Allouette II que guiava o fogo da artilharia inimiga,

foi abatido. As bases militares portuguesas de Catio, Bupa, Manputa, Bedanda e Canture foram severamente bombardeadas pelas forças guerrilheiras.

Em 6 de Março a marinha portuguesa quiz atacar um barco a motor do PAIGC. Os guerrilheiros contra-atacaram e danificaram severamente o navio de guerra inimigo "Bothecol" na região de Kitafine; pelo menos 9 soldados colonialistas foram mortos.

No início deste ano três fusileiros navais portugueses desertaram, seguindo assim o exemplo de muitos outros. Pela sua deserção estes soldados mostraram a sua oposição à guerra colonial feita pelo governo português. Eles declararam que desertaram porque se recusaram transformar-se em criminosos, assassinando mulheres, crianças e velhos. Eles crêem que a guerra colonial na Guiné é um crime quer contra o Povo da Guiné quer mesmo contra o povo português, uma vez que a juventude portuguesa é obrigada a morrer em proveito de um punhado de ricos que só querem viver da exploração dos povos e países africanos.

Angola

Os nossos camaradas de Angola, sob a direcção do MPLA estão a obter vitórias decisivas. Um comunicado recentemente publicado pelo MPLA informa-nos que durante os meses de Janeiro e Fe-

vereiro de 1970, as ofensivas dos combatentes do MPLA na Frente Leste - terceira região e alguns sectores da 4ª região - foram coroadas de grandes êxitos, no que respeita à extensão da luta para novas áreas e ataques das guarnições inimigas, semeando o pânico, o caos, e a desmoralização completa nas fileiras fascistas do exército colonial.

Contradições Colonialistas

Enfurecidos como bestas selvagens pelas vitórias dos guerrilheiros do MPLA, os colonialistas portugueses cometem crimes contra as populações, roubando-lhes e destruindo-lhes os poucos bens (pratos, panelas de barro, cobertores, palhotas) e saqueando as mercadorias da Zâmbia em trânsito através de Angola (como vinho, tabaco, gasolina e máquinas).

Um resumo das actividades militares de Janeiro e Fevereiro de 1970, nos sectores da 3ª e 4ª região, mostra-nos que no período em curso o MPLA atacou 9 casernas colonialistas, afundou 2 barcos, fez 11 emboscadas, destruiu 12 veículos militares, matou 147 soldados portugueses e 48 fanteoches, liquidou 4 traidores e libertou 841 pessoas das aldeias estratégicas, além de ter capturado diverso equipamento e munições.

Tendo perdido o controle dos colonos, as autoridades fascistas lançam-se em contradições ridículas, imputando as vitórias dos guerrilheiros à República de Zâmbia, e reconhecendo ao mesmo tempo que o MPLA os atacou em Cazage, Luachi, Kalunda, Lunachi, Sandando, Teixeira de Sousa, Cavungu, Ninda, Serpa Pinto, Gago Coutinho, Coutade de Mucusso, Marco 25, Cassai Gare, Lumege, Leua



Lovua, Mucondo, Cazombo, Tichafinda, Tchilombe, Muia, Kanganiba, Kibaxe, U-cua, Bula Atumba, Kitexe, Negage, Kamabatela, Aldeia Viçosa, Vista Alegre e no Norte de Angola, e na região de Cabinda em Miconge, Sabamongo, Sangamiconge, Sangaphanicie e muitos outros sítios.

O Inimigo Isolado

O número importante de ataques a casernas portuguesas confirma o facto, várias vezes exposto pelo MPLA, a saber que as tropas colonialistas se entrincheiraram nos seus quartéis, saindo apenas

esporadicamente para cometer actos criminosos contra a população civil e os seus bens.

A diminuição do número de emboscadas e recontros directos demonstra o controlo do MPLA sobre o terreno onde o inimigo só se aventura com helicópteros protegido pela aviação sul africana e dos países imperialistas da OTAN.

O MPLA, os guerrilheiros, cumprem assim a palavra de ordem de estender e intensificar a luta armada, avançando decididamente para a vitória final.



CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE SOLIDARIEDADE PARA COM OS POVOS DAS COLÓNIAS "PORTUGUÊSAS"

Roma, 27—29 de Junho de 1970

De 27 a 29 de Junho reuniram-se em Roma mais de 170 organizações de 64 países, com o fim de estudar os meios para isolar ainda mais os colonialistas portugueses e intensificar o apoio à luta dos nossos Povos.

A conferência teve lugar na mesma sala em que algumas semanas antes se reuniam ministros dos Negócios Estrangeiros dos países da OTAN, com o fim de estudarem as melhores maneiras de manter os nossos povos oprimidos.

O Embaixador do Senhor Caetano em Roma, assim como os embaixadores doutros países imperialistas, procuraram levar o governo italiano a proibir a realização da conferência, no entanto a imensa corrente popular de simpatia que rodeia os nossos povos na Itália, forçou o governo italiano a permitir a conferência.

O simples facto de a conferência realizar-se em Roma, capital de um país membro da OTAN, de um país que forneceu aos colonialistas portugueses dezenas de aviões a jacto, foi uma grande derrota política para Portugal, uma gran-

de derrota política do imperialismo e da OTAN, que viram os seus crimes denunciados publicamente.

Mas mais importante ainda, o que mostra claramente o grande sucesso da conferência, foi a importância e a qualidade dos participantes e o conteúdo das decisões tomadas.

Estavam presentes todos os nossos companheiros de luta, a FNL do Vietnam do Sul, o Neo Lao Haksat do Laos, a Frente Unida Nacional do Camboja, a Organização de Libertação da Palestina, os patriotas da África do Sul, da Rodésia, da Namíbia, os combatentes anti-imperialistas do Brasil e da América Latina, dos Estados Unidos, os militantes anti-fascistas da Espanha e da Grécia. Ao nosso lado encontravam-se os comunistas portugueses e outros patriotas que em Portugal lutam contra a guerra colonial e o fascismo.

Os países Africanos enviaram numerosas delegações populares e governamentais conduzidas muitas vezes por Ministros dos governos ou altos dirigentes das or-

ganizações políticas. Numerosos foram os Chefes de Estado africanos a enviarem mensagens calorosas de apoio, foi o caso dos Presidentes Nasser da RAU, Kadafi da Líbia, Ould Daddah da Mauritânia, Macias da Guiné Equatorial, Nguouabi do Congo (Brazaville), Micombero do Burundi, Vice-Presidente Awadallah do Sudão, Kaid Ahmed da Argélia, etc. Outros Chefes de Estado e de Governo fora da África, também expressaram o seu apoio caloroso à nossa Luta: o Príncipe Sihanouk, Chefe de Estado do Camboja; os Presidentes de Síria e do Iraque, os Primeiros Ministros da República Democrática do Vietnam e do Ceilão, o Presidente (Nguyen) Hu Thu da FNL do Vietnam do Sul.

Os países socialistas da Europa, a República Democrática do Vietnam, a Coreia, Cuba, também enviaram delegações importantes para testemunhar uma vez mais a grande amizade e solidariedade que nos une.

De toda a Europa Ocidental vieram delegações numerosas dirigidas por altas personalidades anti-colonialistas e anti-imperialistas, representando partidos políticos, sindicatos, organizações religiosas, movimentos de Juventude, de Mulheres, de Estudantes, grupos culturais. Alguns eram deputados, juristas, professores, outros operários, religiosos, etc. Na conferência encontravam-se representadas todas as correntes de opinião política, religiosa, ideológica, que exprimiram um desejo de liberdade. Este

facto era realçado pela participação de diversas organizações internacionais, as Nações Unidas, a OUA, o Conselho Mundial das Igrejas, a Associação Internacional dos Juristas Democráticos, a Federação Sindical Mundial, a Federação Internacional das Mulheres Democráticas, a Federação Internacional das Mulheres Africanas, a Federação Mundial da Juventude Democrática, o Movimento Pan-Africano da Juventude, a União Internacional dos Estudantes, a Tricontinental, o Conselho Mundial da Paz, etc,

A conferência, pela sua participação, demonstrou que a luta contra o colonialismo português é uma causa que mobiliza todos os homens honestos, todos os homens de boa vontade, todos os homens opostos à escravização do homem.

A conferência provou ainda que os progressos da nossa luta tornaram-na conhecida, estimada e apreciada por toda a humanidade. Os povos de Angola, Guiné, e Moçambique não estão sós, toda a humanidade está ao nosso lado.

Isto foi demonstrado por cada uma das intervenções, cada uma das mensagens, cada uma das palavras que foram ditas durante a conferência.

Isto foi evidenciado de uma maneira co-movente, por um jovem Peruano, que veio à conferência trazer-nos o dinheiro de uma colecta organizada entre 600 jovens, que em solidariedade conosco, se abstiveram de comêr e beber durante um dia

inteiro, durante uma conferência organizada na Holanda.

Os relatórios das três Comissões da Conferência (Comissão Política, Comissão Jurídica, Comissão de Ajuda Material), assim como a Resolução Geral, exprimindo a opinião unânime de todos os participantes, sublinharam alguns pontos fundamentais:

- a condenação do colonialismo português, força bárbara retrógrada, que foi imposta e se mantém pela brutalidade e agressão;

- a condenação da OTAN, dos Estados Unidos, da Alemanha Federal, Inglaterra e França, que pela ajuda económica, política e militar dada a Portugal, permitem que este país atrasado, subdesenvolvido, com um povo que vive na miséria; possa fazer uma guerra contra três povos;

- a condenação da aliança dos criminosos de Pretória, Salisbury e Lisboa, aliança destinada a servir o imperialismo, oprimir e agredir os povos;

- a condenação das actividades dos grupos financeiros imperialistas, que exploram as riquezas e os Povos de Angola, Guiné e Moçambique e que para manterem a sua dominação odiosa ajudam os colonialistas e preparam novos planos criminosos, para impedir a derrota portuguesa;

- o apoio total à FRELIMO, MPLA e PA-

IGC, guias autênticos dos povos de Moçambique, Angola e Guiné e Cabo-Verde.

- o reconhecimento dos poderes de Estado, de soberania, efectivamente exercidos pela FRELIMO, MPLA e PAIGC em vastas regiões dos nossos países;

- a necessidade de intensificar a informação sobre as nossas lutas, para melhor mobilizar as massas democráticas europeias na luta contra o colonialismo português;

- o dever de organizar e desenvolver o apoio material à luta de libertação e reconstrução nacional de Moçambique, Angola e Guiné.

Estes princípios e objectivos encontram um largo apoio junto de todos os povos e a testemunhar este facto, nós podemos citar o grande carinho, amizade e profundo respeito que rodeiaram continuamente as nossas delegações em particular os nossos dirigentes. A imprensa, a rádio, a televisão, o cinema, rodeiaram continuamente os nossos dirigentes, durante a conferência, ansiosos de transmitir informações sobre a luta, desejosos de exprimirem uma solidariedade para com os nossos Povos.

Uma grande responsabilidade nos incumbe depois desta conferência, depois desta grande festa de solidariedade para com os nossos Povos: a de intensificar continuamente a nossa guerra popular de libertação, demonstrando assim a nossa aprecação, a nossa solidariedade para com os milhões de amigos que nos apoiam.

O PAPA APOIA A NOSSA LUTA DE LIBERTAÇÃO

DIRIGENTES DA FRELIMO, MPLA E PAIGC RECEBIDOS PELO PAPA

Como é do conhecimento de todos, no passado dia 1 deste mês de Julho, o Papa Paulo VI recebeu no Vaticano, em audiência privada, os dirigentes dos movimentos de Libertação das colónias ditas portuguesas. Moçambique e o povo Moçambicano estavam representados pelo camarada Marcelino dos Santos, Vice-Presidente da FRELIMO.

Esta recepção dada pelo Papa aos dirigentes dos movimentos de libertação não tem nada de extraordinário. Estes movimentos, a FRELIMO, o MPLA e o PAIGC, são os verdadeiros representantes dos povos de Moçambique, Angola e Guiné, os seus dirigentes foram eleitos pelos povos destes países. Assim, nada mais lógico que em todo o mundo sejam os dirigentes destes movimentos a representarem os seus respectivos povos.

Mas esta notícia provocou uma reacção por parte do governo português - reacção essa que interessa analisar e comentar.

No dia seguinte à publicação da notícia de que o Papa tinha recebido dirigentes dos movimentos de libertação das colónias ditas portuguesas, o governo de Portugal começou a fazer uma propaganda imensa contra o Papa, dizendo que não havia direito, que ia retirar o seu embaixador no Vaticano, que ia cortar relações com a Santa Sé, e

mais ameaças. Mas tudo isto não passava de teatro; nunca Portugal pode pensar sequer em cortar relações com o Papa, porque a Igreja Católica tem sido sempre o principal apoio de Portugal. O Caetano esta já tão isolado na cena internacional que, se ele se afastasse do Papa, isso seria o seu isolamento moral completo, seria o fim do Caetano. Mas nós compreendemos que ele não pode fiar de braços cruzados e silencioso quando o Papa recebe os seus inimigos. Tem de agitar-se, fazer barulho, protestar. Principalmente porque essa audiência concedida pelo Papa significa que a própria Igreja Católica começa a reconhecer que a luta de libertação dos Povos de Moçambique, Angola e Guiné é justa e legítima, e que portanto a posição do governo português é injusta, imoral e ilegítima. Como é que agora o senhor Caetano pode chamar-nos terroristas - a nós, cuja luta é como que abençoada pelo próprio Papa? O chefe do governo colonialista e fascista de Portugal tem de protestar - mas é tudo o que ele pode fazer; nunca ele se atreverá a hostilizar a Igreja Católica. O elemento que nos mostra bem que todo esse palavreado de chamar o embaixador, cortar relações, etc, não passou de uma manobra, é o conteúdo das declarações do próprio sr. Caetano no seu discurso do dia 7 de Julho. Ele disse que já não cor-

tava relações com o Vaticano porque "afinal - disse ele - a audiência dada pelo Papa não teve carácter político, mas apenas religioso". Trata-se, como salta à vista, de uma justificação grosseira, que não convence ninguém. Porque os nossos camaradas que foram recebidos pelo Papa não são religiosos. Eles são políticos, dirigentes de Movimentos de Libertação em luta armada. O Papa sabe isso. E foi nessa qualidade, de dirigentes políticos, que o Papa os recebeu. E mais ainda: nas conversações que teve com os nossos camaradas, o Papa disse que estava ao lado de todos os povos oprimidos que lutam pela sua libertação, e que ia rezar para que os nossos povos al-

cancem depressa a sua liberdade e independência. Esta é a verdade, que o sr. Caetano, por razões óbvias, não pode aceitar porque, como já vimos, se ele aceitasse isso, seria o fim do próprio Caetano e da sua política colonialista. Mas a verdade, como vemos, acaba sempre por se impor.

Portanto, camaradas, continuemos e intensifiquemos a luta, certos de que mesmo as forças tradicionalmente aliadas de Portugal estão a mudar de posição e a condenar a política colonialista portuguesa.

Independência ou Morte,
Venceremos!

MAIS UM ACTO TERRORISTA DO COLONIALISMO PORTUGUÊS

As grandes derrotas e consequente desmoralização dos colonialistas portugueses na sua guerra de agressão contra o povo Moçambicano podem ser medidos de várias maneiras. Um dos índices é por exemplo o número de desertores da tropa portuguesa: quando esse número aumenta, é sinal claro de desmoralização entre as suas fileiras. Outro índice é o aumento do orçamento de guerra dos colonialistas, o aumento das despesas que eles são obrigados a fazer com a guerra: a este respeito, enquanto em 1964 os portugueses gastaram 6.400.000.000\$00 com a guerra colonial, no ano passado, em 1969, foram obrigados a gastar 11.840.000.000\$00, quer dizer, quase o dobro. Outro sinal do fracasso é a mudança constante dos dirigentes colonialistas militares e civis: neste caso, para justificarem as suas derrotas, os colonialistas dizem que é porque os chefes não eram bons, e que é preciso mudá-los. Assim é que há poucos meses o governador-Geral e o comandante militar de Moçambique foram substituídos. Outro sinal ainda da incapacidade dos portugueses no campo de batalha são os actos de terrorismo que eles praticam contra o nosso povo e contra a FRELIMO. O assassinato do Presidente da FRELIMO com uma bomba enviada pelos colonialistas em Fevereiro de 1969 foi um gesto de desespero deles para tentarem fazer parar a nossa luta. Como viram que a luta não parou mas pelo contrário intensificou-se, eles enviaram ainda em 1969, outras bombas a outros dirigentes da FRELIMO, que felizmente foram detectadas. Mas os colonialistas não desistiram: e no dia 23 deste mês de Julho, enviaram mais uma bomba dentro de um livro para um dirigente da FRELIMO. O livro foi aberto por um camarada nosso, Vicente Saidi, que trabalha no escritório da FRELIMO em Dar Es Salaam. A bomba explodiu e feriu gravemente aquele camarada, causando ainda ligeiros estragos no próprio escritório.

Foi mais um acto terrorista dos colonialistas. Mas eles podem estar certos de que estes actos não afectam de maneira nenhuma a nossa luta ou a nossa determinação de lutarmos até à vitória final.

A luta continua.

Poema

Se me perguntares
quem sou eu
com essa cara
cavada de bexigas de maldade
com sinistro sorriso

Nada te direi
Nada te direi

Mostrar-te-ei as cicatrizes de séculos
que sulcam minhas costas negras
Olhar-te-ei com olhos de ódio
vermelhos de sangue vertido durante séculos
Mostrar-te-ei minha palhota de capim
a cair de reparação
Levar-te-ei às plantações
onde sol a sol
me encontro dobrado sobre o solo
enquanto trabalho árduo
mastiga meu tempo

Levar-te-ei aos campos cheios de gente
onde gente respira miséria em toda a hora.

Nada te direi
mostrar-te-ei sómente isto

E depois
mostro-te os corpos do meu povo
tombados por metralhas traiçoeiras
Palhotas queimadas por gente tua

Nada te direi
E saberás porque luto.

ARMANDO GUEBUZA



